

XERXENESKY, Antônio. *Uma tristeza infinita*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

## ENTRE AS CINZAS DA HISTÓRIA E O RETRATO DA MELANCOLIA

Giovana Proença Gonçalves<sup>1</sup>

*Uma tristeza infinita*, romance de Antônio Xerxenesky publicado pela Companhia das Letras em 2021, segue a tendência de nomes relevantes da literatura brasileira contemporânea em ambientar obras no exterior, a exemplo de *Budapeste* (2003), de Chico Buarque e *O que ela sussurra* (2020), de Noemi Jaffe. Essa disposição se contrapõe à tradição literária que perpassa os primeiros pilares das letras no país, arraigados na fundação de uma literatura de caráter essencialmente nacional e na demonstração dos problemas sociais locais, em um esforço que marca do romantismo ao modernismo, passando ainda pelo realismo. Assim, com a publicação de Xerxenesky - e dos outros autores supracitados - temos uma renovação de nossos modelos literários, que abre espaço para a versatilidade de nossos maiores prosadores.

Para elaboração de seu tratado sobre a melancolia, Xerxenesky opta por construir a trajetória de Nicolas e Anna, casal francês composto por um psiquiatra e uma física, que se refugia em uma pequena vila suíça, na qual ele trabalha em um centro que valoriza o tratamento psiquiátrico humanizado, muito próximo da psicanálise freudiana. A complexidade é alcançada, em parte, pelo turbulento cenário escolhido pelo autor, uma vez que se trata da Europa pós Segunda Guerra Mundial, ainda marcada pelo espectro do nazifascismo. Somado a isso, temos ainda um profundo panorama da psiquiatria moderna, com os métodos de Sigmund Freud, de seu tratamento por meio da fala, e o surgimento das primeiras drogas capazes de controlar patologias psicossomáticas. O panorama, portanto, avança ainda mais do que as teorizações de Michel Foucault em seu estudo *História da loucura na Idade Clássica* (1961).

A trama do romance capta com maestria o espírito da Europa fragmentada pela guerra e, acima de tudo, assombrada pelos rastros das atrocidades cometidas em seu solo. Diálogos bem construídos procuram investigar as ideologias nefastas que parecem ter origem no que há de mais irracional no ser humano. Contudo, nem os avanços científicos são eximidos de sua responsabilidade, de modo que o plano de fundo de Xerxenesky aborda até mesmo as bombas atômicas e os limites da racionalidade. Na reconstituição do *Zeitgeists* - o espírito unificador de uma época - a trajetória individual é colocada em paralelo ao destino coletivo, como por exemplo, no trecho em que Nicolas aproxima o seu pai da figura histórica de Gavrilo Princip,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH-USP.

jovem que assassinou Franz Ferdinand, com a finalidade de abalar o Império Austro-Húngaro, episódio que culminou na Primeira Guerra Mundial:

O pai de Nicolas também tinha dezenove anos em 1914, quando o menino sérvio Gavrilo Princip atirou em Franz Ferdinand e na esposa dele, uma mulher cujo nome sempre desaparece nos livros de história, e desencadeou a Grande Guerra (XERXENESKY, 2021, 145).

Ainda que a política garanta sua relevância dentro do romance, o título *Uma tristeza infinita* entrega o protagonismo da melancolia, que atua quase como uma personagem. Entre melancólicos e esquizofrênicos, Nicolas, perturbado por suas próprias inquietações e por uma hipocondria - de início - latente, se vê preso nas armadilhas da mente humana. Somos apresentados a uma gama de pacientes: o herói de guerra assombrado pelas mortes que carrega; a jovem que, inocentemente, acaba por trabalhar no local em que a bomba atômica é desenvolvida e fica extremamente perturbada pelos acontecimentos em Hiroshima e Nagasaki; e o mais curioso deles, o típico esquizofrênico, que afirma receber clamores de progresso do próprio Satã.

Assim como Nicolas se percebe contaminado diante das doenças mentais, também o leitor sente-se cada vez mais preso no ambiente claustrofóbico da pequena vila, cujo epicentro, para nosso casal, gira em torno do hospital psiquiátrico, a despeito das belas imagens criadas por Xerxenesky na descrição do ambiente suíço:

O homem se levantou e continuou andando, sem prestar muita atenção ao barulho. Já via o fim da trilha à distância; a névoa se dissipava à frente. Sair daquela nuvem baixa seria como sair de um sonho. E então outro tipo de ruído surgiu, o de passos sobre a grama e as folhas, e sua origem era de algum animal maior (XERXENESKY, 2021, p. 8).

Logo a trilha da floresta acabou, não havia mais árvores gigantescas subindo até o céu, com suas copas servindo de teto, apenas o ar fresco da noite que caía e um resto de neblina deslocado; talvez o nevoeiro tivesse se perdido, e ele olhou mais adiante, para cima, e admirou o sino banal da pequena igreja, que sacolejava um pouco, como se tivesse acabado de soar, mas não havia som algum, nada, nenhum eco do sino, os únicos ruídos que se ouviam, se prestasse muita atenção, eram o passo preguiçoso de algumas vacas à distância, um grilo sonolento, e a brisa que soprava pelas árvores do bosque (XERXENESKY, 2021, pp. 9-10).

Aos poucos, o narrador onisciente desvela as camadas do desassossego de Nicolas. Mistura-se à vida do médico a fuga da Segunda Guerra Mundial, a mudança do sobrenome judeu e as crises devido ao hipocondrismo. Em face de seus pacientes, Nicolas reflete suas próprias apreensões acobertadas. O médico insiste em repetir que diferentes psiques reagem de

forma diferente às mesmas situações. Anna é, assim, a oposição mais próxima de Nicolas. Mesmo com o descontentamento inicial com o novo lar e as restrições impostas ao sexo feminino, ela parece desabrochar em solo suíço. Enquanto isso, o marido se vê consumido pelos próprios fantasmas.

Se o panorama histórico e a exposição crua da rotina hospitalar, por um lado, nos aproxima de um realismo particular; por outro, a exploração aguda da psique do médico - em especial quando essa encontra-se em tormento - oferece um vislumbre de técnicas consagradas pelo modernismo. Temos, assim, o direcionamento à interioridade da personagem, sobre o qual discute Adorno (ADORNO, 2021, p. 58) em seu ensaio “Posição do narrador no romance contemporâneo”. As atribulações de Nicolas se aproximam de artifícios expressionistas, por meio da distorção da realidade em benefício das percepções da protagonista em crise. O Expressionismo, enquanto vanguarda, expressa o descontentamento com a realidade (FLEISCHER, 2005, p. 70), capaz de produzir a barbárie e as decepções quanto ao “século do progresso”. Sendo assim, temos uma melancolia quase infinita diante do mundo.

Esperança e decepção, dois motes que estamparam grandes obras da literatura mundial - a exemplo das *Grandes Esperanças* (1861), de Dickens e das *Ilusões Perdidas* (1843), de Balzac - duelam nas páginas de Uma tristeza infinita. O advento de uma droga capaz de conter os fenômenos alucinatórios em pacientes esquizofrênicos parece, apesar da relutância de parte do corpo médico do hospital, mudar os rumos da psiquiatria. Após os procedimentos humanizados de Freud, que sucedem uma era de violação ao corpo tido como louco - vide procedimentos como a lobotomia - agora a medicalização parece indicar os rumos do tratamento psiquiátrico.

O tom esperançoso, entretanto, acentua as decepções de psiquiatras que, como Nicolas, dedicaram-se aos métodos freudianos. Em meio a isso, o médico descobre a simpatia em relação ao nazismo que sente o seu paciente escolhido para o tratamento experimental. Curado, o paciente retorna a sua rotina, ao contrário de outros, marcados pela crueldade do Terceiro Reich. Nicolas, então, percebe a analogia entre Hitler e a figura satânica que aparecia nos delírios de Emil:

Eu não ajudei Emil a se compreender. Ele enxergava sem parar a figura de Satã, que lhe dava ordens sobre a refundação do país, para salvar a sociedade da deterioração... Agora, falando em voz alta, noto que todas as pistas estavam ali, e eu não fui capaz de ligar os pontos (XERXENESKY, 2021, p. 217).

A tragicidade de Nicolas, em sua confrontação diante das ilusões perdidas em relação aos procedimentos psiquiátricos, à profissão e à vida, ressoam os questionamentos do Hamlet shakespeariano :

Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer... dormir... mais

nada... Imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se. Morrer..., dormir... dormir... Talvez sonhar... (SHAKESPEARE, 1997, n.p).

Mas nem tudo está perdido. Ainda há bordoadas de esperança. Essas se evidenciam nas ricas reflexões do romance acerca do combate à indiferença frente à barbárie. Na Europa marcada pelos rastros do nazifascismo, é preciso reconhecer a necessidade de não repetir a história, avisa Xerxenesky através de sua obra. A melancolia, enquanto sentimento, é intrínseca ao homem; se o livro marca o surgimento da medicalização contra a esquizofrenia, os melancólicos precisam ainda a conviver com a patologia:

Quando se nasce, ocorre um longo período de aprendizado até o bebê compreender que não é o mundo, que os objetos estão separados dele, que o pai e mãe não o integram. Um longo percurso de desenvolvimento cognitivo para entender que é um indivíduo. E então a melancolia aparece, como uma revoada de gafanhotos no horizonte, cujas fronteiras se estendem por todo o globo, e de repente fica impossível se separar do mundo, o mundo está dentro da sua cabeça, e ele é composto por uma nuvem de insetos que trazem destruição e pânico (XERXENESKY, 2021, p. 219-220).

Com o romance de Xerxenesky, temos uma contemplação das facetas da tristeza. A melancolia toma o enredo de forma gradual, até tornar-se incômoda. Assistimos Nicolas a definhar diante da angústia e da possível patologia. Em tempos de discussões acirradas sobre saúde mental, a obra ambientada na década de 50 garante sua atualidade e evidencia seu status enquanto romance do século XXI. Acima de tudo, *Uma tristeza infinita* evidencia o caráter humano de não manter-se indiferente ao sofrimento.

### **Referências bibliográficas**

- ADORNO, Theodor. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: 34, 2012.
- BALZAC, Honoré. *A comédia humana*. vol. 7. São Paulo: Globo, 2013.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DICKENS, Charles. *Grandes Esperanças*. São Paulo: Penguin Companhia, 2012.
- FLEISCHER, M. “O Expressionismo e a dissolução de valores tradicionais”. In: GUINSBURG, J. *O Expressionismo*. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- JAFFE, Noemi. *O que ela sussurra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 1997.